
CASO DE PEDUCA” (*)

Wilma Moreira Hannes

Dentre os pacientes que procuraram nossa clínica, apresentarei o caso de um menino que chamarei de “Peduca”, que com 5 anos assistiu a morte do pai, por assassinato.

No dia 26 de dezembro, a família se reunia num churrasco no quintal de um dos parentes, quando um primo do pai de Peduca surgiu repentinamente, sem falar nada, descarregou a arma nele e fugiu.

Seu pai, muito ferido, foi removido para um hospital num carro de bombeiros, aonde não chegou com vida.

Peduca acompanhou todo o processo posterior de velório e enterro.

Quanto ao motivo que teria gerado tal acontecimento, a mãe do menino faz algumas vagas suposições, entre as quais, que o primo estaria envolvido com tráfico de drogas.

Peduca fez 6 anos em outubro, é um menino muito bonito, e chega sempre muito alegre para a terapia. Mas durante o trabalho, é bastante sério e determinado nas suas ações.

Fica em período integral na creche, pois sua mãe trabalha como empregada doméstica. Seu pai era serralheiro.

Logo depois do ocorrido, a mãe mudou-se com ele para a casa da cunhada, ficando sua casa, com seus pertences, fechada.

Desde a morte do pai, ele acordava chorando à noite. Pedia constantemente para que o levassem ao cemitério e dizia que quando crescesse mataria o assassino do pai.

Na escola, observaram que ele, apesar de se relacionar bem com os amigos, não demonstrava o mesmo interesse pelas atividades que

demonstrava antes de tudo isso acontecer.

Outro aspecto que gostaria de mencionar, é que, pouco depois de Peduca iniciar a psicoterapia, eu também perdi meu pai, que faleceu, mas de forma tranquila, aos 86 anos.

Um pouco da psicoterapia...

Três meses após a morte do pai, teve início a terapia.

Além dos materiais corriqueiros da sala de ludo, teve acesso à caixa de areia, sua forma predileta de trabalho em quase todas as sessões, até setembro. Desde então, passou a vivenciar cada vez mais, o espaço mais amplo da sala para brincar com brinquedos similares aos das miniaturas da caixa de areia. Começou a se interessar também, por jogos, pintura, colagens, chegando a fabricar ele mesmo alguns brinquedos, colocando em prática as idéias que surgiam. Fazia muitas experimentações, obtendo bons resultados como: jogo de palitos, livro, colar com peças de argila, etc.. Plantava grãos de feijão, cuidando, desde a germinação, crescimento até a morte, quando iniciava o processo novamente. Assim que chegava, mostrava a planta para a mãe, e só depois cuidava dela.

O trabalho corporal também foi efetuado, assim que permitiu ser tocado.

No seu primeiro desenho (fig.1), desenha uma casa, duas árvores, escada e pessoa, dizendo:

“A casa em cima tem um negócio que roda e serve para bater o vento. ... Vou desenhar uma árvore. Não! Duas árvores! ... É uma escada que vai chegando no sol, e aí tem o sol. ... É uma mulher. A casa é dela. Ela mora sozinha.”

Sua primeira caixa de areia (fig.2):

Com ferramentas - pá e enxada - ele enterra aviões. Planta, um vaso com flor. Planta galho seco e rega-o. Coloca dinossauros. Coloca o trator e enche a caçamba de água e areia.

Depois que terminou, contou sobre a prima, que o pai morreu e por isso mora na casa dela.

A partir de algumas caixas, pede para colocar velas e quer acendê-las. Isto se tornou frequente também. Certo dia, ao colocar as velas nos pratos, foi dizendo:

“Para meu pai. É um lugar que vive as pessoas mortas, cemitério. Aqui (apontando um chafariz com estátua), é o homem que tinha morrido e ficou assim.”

Por volta do mês de setembro, conforme já comentei anteriormente, ao mesmo tempo que diversificava o espaço e as atividades, na caixa de areia apresentava, cada vez mais, cenas com conteúdos relacionados às lembranças, denotando maior elaboração e que sentia-se mais confiante para entrar em contato com conteúdos tão amargos e ao mesmo tempo, tão ameaçadores. Surgiu, então esta cena (fig.3), sobre a qual, ao montar, contou a seguinte história:

“Um menino achou um avião na rua enterrado na areia. Sentou em cima do avião e voou. O avião caiu e ele morreu. A mãe estava andando na rua e viu o menino caído e que era o filho dela. Ela voou no avião e depois morreu. Aí, um dia apareceu um bombeiro que levou o menino para o cemitério. ... A mãe estava lá sentada vendo a morte do filho, que foi enterrado na frente dela. (agora a mãe é uma menina; ele continua a história) ... “Um dia, quando ela brincava lá no cemitério, ela viu uma mão enterrada na areia. E tinham dois aviões em cima do morro. Cadê o pai? A menina olhou a mão do moleque e tirou ele da terra. Pegou na mão dele e perguntou: Esse é nosso filho? É. E a mãe chorou. Tinha um tiro nas costas dele. A família foi assassinada. (Peduca cava um buraco e enterra todos juntos, em silêncio, depois volta a contar a história) ... Aí, um dia, apareceram os índios. Acharam o moleque, depois o pai com o avião e a mãe. O último é o nenê, que é Jesus, que estava no berço. (coloca o berço sobre o morro de areia e o Menino Jesus dentro) ... Chega um avião e outro e desce perto do menino. Ele via lá do céu para baixo. ... O índio quebra a árvore e pega cada

banana, e o cara pálido leva a árvore lá para a casa dele. A mulher índia perguntou: Quem trouxe comida? Fui eu! Eles pegaram banana. Os brancos também comeram banana.”

O carro de bombeiros dá uma volta e pára do lado da bananeira.

Quase um mês depois, efetuou a seguinte cena:

Montava, ora o lado esquerdo da caixa, ora o direito. Do lado esquerdo pedia que eu ajudasse a plantar todas as árvores, dizendo que era uma plantação de árvores de maçã. À medida que plantávamos, ele regava e preparava uma pequena vasilha com água para deixar ao lado de cada uma, dizendo que era para que bebessem.

Do lado direito, uma cena bem diferente, colocou uma porção de objetos de cozinha, conchas, caracóis, duas cobras, uma balança e uma jarra grande com a lâmpada de Aladim dentro, imersa em água.; também como derramou água em meio a todos esses objetos. Um trator com a caçamba cheia de areia e água está parado entre as duas cenas, na parte superior da caixa, no sentido de descer. Ele conta:

“Era uma pessoa que era muito pobre. O nome do homem era Peduca. Aí ele morava na rua e vendia brinquedos. Aí, ele fez uma plantação.”

Mais um mês se passou, quando fez esta outra caixa (fig.4):

Coloca uma espada de metal no lugar em que depois coloca um dragão. Põe carro de elefante, caminhão cegonha com barco de pesca sobre o caminhão, e um tanque de guerra apontando para este. Coloca velas e circunda todos os objetos com a ponta da espada; somente depois, acende as velas., e brinca um pouco com as chamas. E depois diz:

“É a guerra!” (põe a ponta da espada na chama da vela até que fique incandescente e mata o dragão, que cai)

“É o senhor do mal.” (joga areia nas velas dizendo que é chuva; apaga-as; acende novamente)

“Era uma guerra no Japão.”

FIGURAS



Figura 1

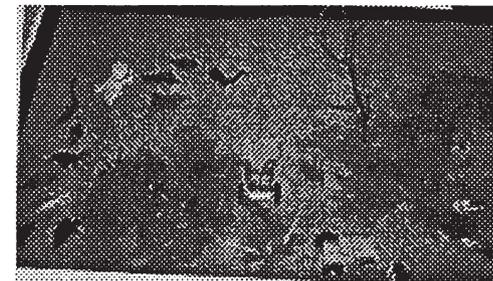


Figura 2

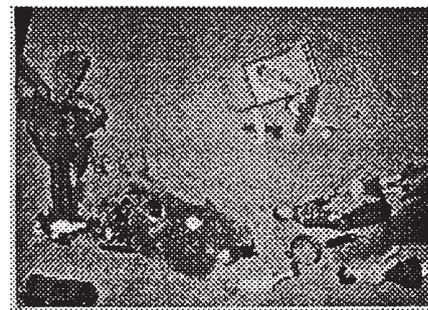


Figura 3

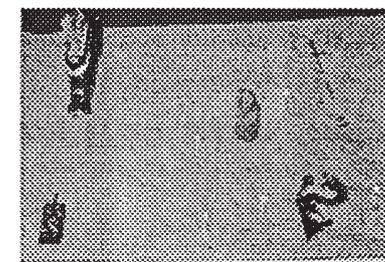


Figura 4

Relato de uma das vivências do trabalho corporal:

Ele deitou-se de bruços sobre uma grande bola. Dei “batidinhas” nas costas, braços e pernas. Fiz alguns deslizamentos. Depois o balancei suavemente em diversas direções, como que o embalando. Pedi que fechasse os olhos e se imaginasse em algum lugar que quisesse estar. Fechou os olhos por alguns segundos e disse:

“Desde pequeno eu ficava em cima do meu pai. Desde pequeno eu ficava em cima dele. (onde? perguntei)

“Aqui.” (bateu em cima dos ombros, mostrando que ficava em cima dos ombros do pai e levantou-se rapidamente)

“Ai, dói!” (apontando a região entre as escápulas)

Algumas Conclusões:

Pai: Símbolo da geração, da posse, da dominação, do valor. Representa a consciência diante dos impulsos instintivos, dos desejos espontâneos do inconsciente.

É o mundo da autoridade tradicional diante das novas forças de mudança. É o ser que alguém quer possuir ou ter, mas também, a pessoa que viria a ser, e de quem se quer ter o mesmo valor. E esse progresso passa pela via da supressão do pai-outro, para o acesso ao pai eu-mesmo. Tal identificação com o pai, traz consigo o duplo movimento de morte (ele) e renascimento (eu).⁽¹⁾

Mesmo sem a apresentação de uma análise simbólica deste material, é possível através destas poucas imagens e relatos, observar que esta criança sofreu muitas colisões, no seu mundo externo, e em decorrência, no seu mundo interno.

Do ponto de vista da Psicologia Analítica a fase entre os 5 e 6 anos é uma época de transição, no sentido de que a criança não está mais tanto na atmosfera inconsciente, mas sente que o mundo está chegando a ela, ao qual tem que se adaptar. Vai surgindo uma certa objetividade.

A criança sai do coletivo interno e tem que se diferenciar para não se perder no coletivo externo.

Para Peduca, depois do episódio da morte do pai, o mundo, de certa forma se transformou numa espécie de Caos, tendo, então, que reorganizá-lo, interna e externamente.

Ao desenhar, viver o corpo, escavar, plantar, regar, enterrar, acender luz, peneirar, matar o dragão, criar, tudo isso, pôde criar uma ponte com o Self, centro diretor.

Desde o início da psicoterapia, podia-se observar o movimento da libido em direção ao Self, e como foi se estabelecendo o eixo ego-Self. No primeiro desenho (fig. 1), fez uma escada, que liga o céu com a terra. Simbolicamente, o Cristo e a Cruz são escada, o próprio homem é escada e o mesmo se pode dizer em relação à árvore e também à montanha.

Em meio à cena trágica, da morte real do pai, e simbolizando a si mesma e a toda a família (fig.3), surge o arquétipo do Menino-Deus, sendo que, um dos aspectos essenciais do motivo “Criança” na psicologia do indivíduo significa, via de regra, uma antecipação de desenvolvimentos futuros, mesmo que, à primeira vista, possa parecer uma configuração retrospectiva.

Considerando que na caixa de areia uma estória pode mostrar representações de vários estágios, ou elementos em vários estados de evolução, pode-se notar também, que de acordo com os estágios do desenvolvimento do ego segundo Neumann, esta criança está fazendo a transição para o patriarcado, configurando o “ego-solar”, o início da fase “solar-guerreira”, onde o ego identifica-se com o arquétipo do pai.

Atualmente Peduca já pressupõe um contato com a inexorabilidade da morte, assim como com o lado sombrio da família, do próprio pai e, com a sombra social, coletiva.

O trabalho terapêutico, portanto, está possibilitando o emergir de uma consciência fortalecida pela própria vida.

(*) Palestra proferida no XIII Encontro de Cinesiologia Integração Fisiopsíquica, 02/12/2000, no Instituto Sedes Sapientiae.

BIBLIOGRAFIA

BRADWAY, K. and MCCOARD, B., “Sandplay – Silent Workshop of the Psyche”, Routledge.

(1) CHEVALIER, J. & GHEERBRANT, A., “Dicionário de símbolos, José Olympio”, Rio de Janeiro.

JUNG, C. G., “Contribuição à Psicologia do Arquétipo Criança”, E. Rasher, Zurique (Adaptação para estudos críticos) CID.

JUNG, C. G., “Seminários sobre sonhos de crianças – Sobre o método da interpretação de sonhos”, Ed. Walter (Adaptação para estudos críticos) CID.